

Fernando Molica

Allen leva Nova York para Paris

Por falta de grana para filmar nos Estados Unidos, Woody Allen teve que sair de Nova York para filmar, mas NY não saiu dele. No seu filme mais recente — o 50º da carreira! —, “Golpe de sorte em Paris”, a capital francesa que aparece na tela é a cara da cidade onde o cineasta nasceu, tão dissecada e cultuada em diversas de suas criações.

No longa-metragem há poucas cenas que marcam o fato de a ação ocorrer numa das cidades mais espetaculares do mundo. Allen transfere para o casal protagonista sua condição de exilado — na juventude, os dois personagens se conheceram em NY e, por caminhos tortos, foram parar na França, onde se reencontram e protagonizam uma história de amor complicada (ela é casada com um milionário francês).

Diferentemente do espetacular “Meia noite em Paris” (2011), uma declaração de amor à cidade, no novo filme, Allen parece deixar claro que foi obrigado a atravessar o Atlântico, queria mesmo era ter feito seu trabalho nas ruas que ficam na sua vizinhança.

Chega a ser engraçado que, talvez por razões contratuais, todos os personagens, inclusive americanos, falem francês o tempo todo. Fanny (Lou de Laâge) e o ex-colega Alain (Niels Schneider) se conheceram numa escola em NY mas, mesmo nos momentos de intimidade, conversam no idioma do país em que vivem.

Na França, comportam-se como se estivessem no outro continente: na hora do almoço, comem sanduíches como fazem

americanos; isso, num parque que parece ser o Central Park. A trilha sonora traz “Cantaloupe Island”, de Herbie Hancock, outra citação explícita ao país de Allen.

“Golpe de sorte em Paris” tem a marca de Allen, um cineasta de carreira muito particular: seus filmes chegam a parecer episódios de uma grande série que ele constrói ao longo de décadas. O longa, porém, às vezes parece ser mais uma citação à obra do diretor do que uma criação original.

O tema da sorte e do acaso foi explorado — com muito mais brilhantismo — em “Match Point” (2005), que também trata de desejo, infidelidade conjugal e de busca de soluções extremas.

Não dá para não gostar de um filme de Woody Allen (ok, “Para Roma, com amor” é bem

fraco), mas “Golpe de sorte em Paris” demonstra que, prestes a completar 89 anos, o cineasta parece ter em parte sucumbido à idade, às dificuldades para realizar suas produções, às acusações de abuso sexual contra uma filha adotiva (foi absolvido, mas o processo gerou desgaste, complicou ainda mais a busca de financiamentos).

Assistir a um filme de Allen é tarefa quase obrigatória para quem gosta de cinema, seu humor, suas questões e seus impasses dialogam com o público há mais de cinco décadas. “Annie Hall” (1977), “Manhattan” (1979), “Zelig” (1983), “A rosa púrpura do Cairo” (1985), “Vicky Cristina Barcelona” (2008) são, entre tantos outros, geniais. Que, no próximo filme, ele possa voltar pra casa.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

De chatbot a detector de doenças pelo olho humano, Arábia Saudita investe bilhões em IA (Inteligência Artificial)

1-BOMBARDEIO CONTRA A LAVA JATO. Supremo Tribunal Federal (STF) bombardeia a Lava Jato até não sobrar um tijolo, prisão, condenação e... multa. Então juiz Sérgio Moro e os procuradores viraram vilões, todos os políticos e empreiteiros foram soltos e a fase de anular delações e acordos de leniência avança rapidamente. Por Eliane Cantanhêde. (...) (O Estado de S. Paulo)

2-EXAGERO EM VIAGENS DE LULA. Comitativa de Lula na ONU expõe exagero em viagens internacionais. Presidente viajou com mais de cem pessoas. No primeiro ano de governo, saídas do Brasil custaram 28% a mais. Para demonstrar que o Brasil voltava com força à cena global depois do isolamento no governo Jair Bolsonaro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva começou a viajar pelo mundo ainda antes da posse. Depois, como presidente, adotou uma agenda internacional frenética. Nos primeiros oito meses de governo, visitou 19 países nas Américas, Europa, Ásia e África. Em cada viagem, Lula costuma seguir acompanhado de um séquito de ministros, diplomatas, assessores, seguranças e todo tipo de agregado. As viagens internacionais da administração pública federal, fundações e autarquias em 2023, primeiro ano do mandato de Lula, chegaram a 22.494 e custaram R\$ 296,6 milhões aos cofres públicos. Na comparação com o último ano de Bolsonaro, tais números cresceram, respectivamente, 38% e 28%. A maneira mais eficaz de melhorar a imagem do Brasil e de avançar projetos e investimentos externos é trabalhar dentro das fronteiras do país para que mais resultados positivos apareçam e atraiam o interesse internacional. (...) (Editorial-O Globo)

3-COLEGAS, NEUROSE E X. Os dez colegas de Moraes são cúmplices de sua neurose contra o X. Por J.R. Guzzo. O ministro Alexandre de Moraes quer fechar o X no Brasil. Sempre quis, em toda a sua neurose declarada diante das

plataformas de comunicação: desde o tempo do Twitter, censura posts, derruba perfis, proíbe que as pessoas escrevam coisas que ainda não escreveram, indicia em inquérito policial, o diabo. Sua fixação nem é exatamente o X. O que tira o ministro do sério é a simples existência de um meio de comunicação de massa ao qual todo mundo tem acesso; acha que isso não é natural, ameaça a segurança do Estado e “dá a qualquer um o direito de dizer o que bem entende” - coisa que ele considera um absurdo. Na verdade, e conforme ele próprio já disse em público, o que não deveria existir é o próprio telefone celular. Antes dele, segundo Moraes, o mundo era muito melhor. Conteúdo editado por: Liana Nunes. (...) (Gazeta do Povo) Lord Voldemort, um apelido anagramático para Tom Marvolo Riddle é o arqui-inimigo de Harry Potter, que, de acordo com uma profecia, tem “o poder de derrotar o Lord das Trevas”. Ele tenta assassinar o garoto, mas, em vez disso, mata seus pais, Lúlian e Tiago Potter, e deixa Harry com uma cicatriz na testa no formato de um raio. Quase todos os bruxos e magos não se atrevem a pronunciar seu nome e se referem a ele com apelidos como “Você-Sabe-Quem”, “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado” ou “O Lord das Trevas”. (...) (Wikipédia)

4-ATUALIZAÇÃO. CONCURSO DOS CORREIOS. Concurso dos Correios tem nova atualização. Por Jamille Novaes. Revisado por Gabriela Pitão. Mais uma importante atualização no Concurso dos Correios acaba de ser feita, aumentando a expectativa pela publicação do edital. A seleção deve oferecer vagas de nível médio e superior, com salários que chegam na casa dos R\$ 6 mil. Finalmente o contrato com o IBFC foi oficializado, agora o edital está mais perto do que nunca, junto dele novas informações foram divulgadas. O Concurso dos Correios já é esperado por muitos candidatos. São 3.468 vagas tanto para ensino médio, quanto para superior. (...) (FDR)

5-ASSASSINATO DE NASRALLAH. E AGORA? O que esperar de Hezbollah, Israel e Irã após morte de Hassan Nasrallah? Por Frank Gardner. O assassinato de Hassan Nasrallah por Israel, o líder de longa data do Hezbollah, representa uma grande escalada na guerra entre o país e o grupo militante libanês. Os acontecimentos dos últimos dias aproximaram ainda mais o Oriente Médio de um conflito muito mais amplo e ainda mais prejudicial, que envolve tanto o Irã quanto os Estados Unidos. O que esperar do Hezbollah? O Hezbollah está se recuperando após sofrer um golpe atrás do outro. Sua estrutura de comando foi decapitada, com mais de uma dúzia de comandantes de alto escalão assassinados. O que esperar do Irã? O assassinato de Hassan Nasrallah é um golpe tanto para o Irã quanto para o Hezbollah. O líder supremo iraniano, aiatolá Ali Khamenei, disse que o ataque “não ficará sem vingança”. O que esperar de Israel? Se ainda restavam dúvidas antes da morte de Hassan Nasrallah, elas provavelmente desapareceram agora. Israel claramente não tem intenção de pausar sua campanha militar para o cessar-fogo de 21 dias proposto por 12 nações, incluindo seu aliado mais próximo, os Estados Unidos. Os ataques aéreos israelenses continuam. (...) (BBC News Brasil)

6-DE CHATBOT A DETECTOR DE DOENÇAS pelo olho humano, Arábia Saudita investe bilhões em IA (Inteligência Artificial) mirando economia pós-petróleo. Reino aposta na tecnologia, aproxima-se das ‘big techs’ (as maiores empresas de tecnologia, comunicação e inovação do mundo moderno) e tenta acelerar reformas nas leis locais para se mostrar mais atraente ao exterior. Por Juliana Causin. Em totens espalhados pelo principal centro de conferências de Riad, capital da Arábia Saudita, um robô treinado com 500 bilhões de unidades linguísticas em ára-

be explica por que a inteligência artificial é uma aposta estratégica para o reino do Golfo Pérsico: “O investimento em IA pode ajudar a diversificar a economia, criando indústrias, gerando empregos e promovendo oportunidades de inovação”, diz Allam, chatbot de IA lançado no ano passado pelo país. (...) (O Globo) Chatbot é um programa de computador que tenta simular um ser humano na conversação com as pessoas. (...) (Wikipédia)

7-CRÉDITO. BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) oferta crédito recorde de R\$ 100 bilhões para pequenas e médias empresas. Volume de recursos não depende de novos aportes da União; expectativa é de que mais de 200 mil operações sejam aprovadas nos próximos 18 meses. Por Denise Luna (Broadcast) (...) (O Estado de S. Paulo) O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social é uma empresa pública federal com sede no Rio de Janeiro, cujo principal objetivo é o financiamento de longo prazo e investimento em todos os segmentos da economia brasileira. Compõe a administração pública indireta e é vinculado ao Ministério da Economia. (...) (Wikipédia)

8-MÃO DE OBRA ESTRANGEIRA é recorde no Brasil; venezuelanos ocupam a maior parte das vagas. Em agosto, 321,1 mil imigrantes estavam no mercado formal, o maior número da série histórica iniciada em janeiro de 2020; escassez de mão de obra qualificada acelerou as contratações no ano, especialmente em regiões que estão perto do pleno emprego. Por Márcia De Chiara. (...) (O Estado de S. Paulo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

Atenção às crianças em vulnerabilidade

Em um país com profundas desigualdades, o acesso à educação infantil, especialmente para crianças de 0 a 3 anos, é uma questão de urgência social. Segundo o Índice de Necessidade de Creche Estados e Capitais (INC), 4,5 milhões de crianças nessa faixa etária estão em grupos considerados mais vulneráveis. Elas representam 45,9% do total de 9,9 milhões de crianças brasileiras nessa fase da vida e enfrentam desafios que vão muito além da simples falta de vagas em creches. Esses dados revelam uma crise estrutural que afeta diretamente o desenvolvimento e a dignidade dessas crianças.

A situação é ainda mais crítica quando observamos que muitas dessas crianças vivem em famílias monoparentais, em que o cuidador principal precisa trabalhar ou gostaria de trabalhar, mas é impedido pela falta de uma vaga na creche. Além disso, há crianças com deficiência que precisam de cuidados especiais e, portanto, de maior atenção e investimento por parte do Estado. O acesso à creche para essas famílias não é apenas uma questão de conveniência; é uma necessidade para garantir que possam romper o ciclo de

pobreza ao qual estão presas.

A falta de vagas em creches impede a inclusão social e econômica dessas famílias, perpetuando a desigualdade e limitando o potencial de desenvolvimento das crianças. Sem esse suporte, as mães, majoritariamente cuidadoras, encontram-se forçadas a permanecer fora do mercado de trabalho ou a aceitar empregos informais, com baixa remuneração e sem direitos. O impacto é direto não só na renda familiar, mas também no bem-estar das crianças, que perdem oportunidades cruciais de desenvolvimento cognitivo e social nos primeiros anos de vida.

O cenário brasileiro exige uma resposta urgente das políticas públicas. Garantir o acesso à creche para todas as crianças, especialmente as mais vulneráveis, deve ser uma prioridade.

Portanto, é fundamental que o Brasil encare o problema do déficit de creches como uma emergência social. Investir na educação infantil e no acesso universal a creches, principalmente para as famílias mais vulneráveis, deve ser encarado como um passo essencial na construção de um país mais justo e igualitário.

Gestão pública é feita por gente

Mais uma eleição se aproxima. Faltando seis dias para o momento de elegermos prefeitos e vereadores por diversas cidades pelo país, se faz absolutamente necessário resgatarmos o sentido deste processo, trazendo à memória, especialmente dos futuros prefeitos, que gestão pública é feita por gente.

O que mais observamos, depois da posse de chefes do Executivo, é um comportamento de distanciamento dos munícipes, e por consequência, dos reais problemas que afligem as cidades que administram. Em paralelo ao distanciamento, a tomada de decisões sem ao menos consultar o que a população efetivamente deseja. Resumindo: prefeitos que se “encastelam” em seus gabinetes altamente refrigerados e confortáveis, e que evitam ao máximo o contato com o povo. São administrações sem a alma e a presença da população. A mesma população que merece

exercer o papel de protagonista, e não de coadjuvante ou figurante dentro dos capítulos de construção das políticas públicas municipais.

Não dá para imaginar como correto que um administrador, eleito pelo voto popular, consiga gerir os negócios públicos e tomar decisões a partir de sua própria cabeça, sem antes ouvir os anseios da população. O que vemos por aí, são prefeitos que se acham imperadores ou soberanos. E que no alto de uma arrogância e prepotência sem limites, esquecem de suas origens e, sobretudo, ignoram o propósito de seus cargos e a razão de terem sido eleitos para o cargo. Que estes sejam varridos da vida pública.

Em suma, que no dia 6 de outubro a população vote consciente, na certeza de fazerem escolhas responsáveis, seja para o Executivo ou o Legislativo de suas cidades.

Opinião do leitor

IA nas sentenças

A sentença deve ser clara, precisa e fundamentada. Há casos da necessidade, de haver até uma nova inquirição judicial. Não é recomendável deixar, que a IA a faça.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

O CORREIO SUL FLUMINENSE NA HISTÓRIA

Divulgação



Centro Histórico

HISTORIADOR DE VASSOURAS

Alexandre Joaquim Siqueira nasceu em Niterói, no ano de 1814. Formou-se em Direito no ano de 1835, em São Paulo, exercendo o cargo de Promotor Público na Corte. Um ano depois, Alexandre se mudou para Vassouras e se fixou na cidade, saindo apenas para ocupar cargos em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. No município, Alexandre

exerceu os cargos de juiz de Direito, presidente da Municipalidade Fluminense e diretor da Estrada de Ferro D. Pedro II. Como juiz de Direito, Alexandre promoveu a edificação da Câmara Municipal, cadeia e hospital de caridade em Vassouras. Combateu ainda a revolução de 1842 em Minas Gerais, promovendo a participação da Guarda Nacio-

nal de Vassouras no conflito. Alexandre é considerado ainda o primeiro historiador de Vassouras, pela obra Memória Histórica do Município de Vassouras, apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1852. Após se aposentar, morou em Vassouras até a sua morte, no ano de 1874, sendo sepultado no Cemitério da Conceição.

Correio Sul Fluminense

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br
Bruno Portella (Diretor)
Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Sonia Paes (editora), Luana Motta, Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452
Volta Redonda: Av. Paulo de Frontin, 590- sala 1306 - CEP 27213-270
Bairro Atterrado - Volta Redonda - RJ
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
CEP: 22775-057

www.correiosulfluminense.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.